

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL FREI NIVALDO LIEBEL – ASSEFRENI
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS – FACISA
CELER FACULDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU” EM ARTES**

LEONDINA MARIA ALVES DE OLIVEIRA

**FAZERES ESPECIAIS: CAMINHOS E TRAMAS QUE SE ENTRELAÇAM
FORMANDO PROPOSTAS DE ARTE-EDUCAÇÃO**

XAXIM - SC

2013

LEONDINA MARIA ALVES DE OLIVEIRA

**FAZERES ESPECIAIS: CAMINHOS E TRAMAS QUE SE ENTRELAÇAM
FORMANDO PROPOSTAS DE ARTE-EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada à FACISA, como requisito final para a obtenção do grau de especialista em Artes, sob orientação da Professora Msc. Marinilse Netto

XAXIM – SC

2013

Dedico este trabalho especialmente a todos aqueles que têm um sonho, o qual nasce como um amor pequenino e aos poucos vai crescendo, ocupando todo e qualquer espaço existente em suas entranhas...E quando se dão por conta, este sonho tomou proporções gigantescas, as quais só são possíveis a aqueles que têm a qualidade de ser um sonhador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sempre está presente em minha vida, me iluminando e mostrando qual caminho e direção tomar.

Agradeço aos meus pais que, desde sempre, me ensinaram a ter amor pela cultura, seja por meio dos fazeres especiais que minha mãe me ensinou desde muito cedo, ou pelas histórias que meu pai com palavras doces e hábeis contava em torno do fogão a lenha, nas noites frias de inverno.

Agradeço a minha Orientadora Professora Doutoranda Marinilse Netto, pela boa vontade, paciência, desprendimento e grande contribuição na realização deste estudo. Sem ela o caminho teria sido mais árduo... Palavras precisas, em momentos exatos.

Agradeço as pessoas que cruzam meu caminho todos os dias, com suas idiossincrasias culturais, que acabam por forjar minha essência, agregando valores, os quais trago impressos em meu ser.

Agradeço a todos os professores que mediaram o conhecimento em minha vida, seja os professores formais, institucionais ou aqueles que ofereceram conhecimento de forma inconsciente, porém eficaz, os professores do cotidiano... Pais, filhos, amigos, irmãos...

Enfim, agradeço...

*Num fio de linha,
Amarra-se o que é importante
Num fio de linha.
Seguro essa ponta bem firme
Nas tuas mãos
Então a história começa
E vai e volta e vai e vem[...] (Bia Bedran)*

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma proposta de estudos culturais em Arte-Educação, focando especificamente em atividades que contribuam para a valorização das raízes culturais da Região Oeste Catarinense. Neste sentido, apresenta o artesanato com a denominação de 'Fazer Especial' como elemento propositor, relacionando-o ao contexto do ambiente escolar. Como um fazer familiar e de referência cultural, este trabalho pauta-se nos artefatos construídos com a utilização de fios e de linhas, presente, em variedade de características e usos, no universo da pesquisa. Como metodologia, caracteriza-se como um estudo exploratório, fundamentado em revisão bibliográfica e como coleta de dados, questionários aplicados a um grupo de Arte-Educadores no município de São Miguel do Oeste-SC. Por meio da análise dos dados coletados foi possível constatar que os FEs estão presentes no cotidiano das famílias da região Oeste Catarinense, sendo que muitas destas ainda desenvolvem os mesmos. Constatou-se também que muitos Arte-Educadores os utilizam em sua prática pedagógica como promoção do resgate cultural; forma de desenvolver a motricidade fina ou ainda relacionando-os a história da Arte. Pode-se desta forma, destacar que por meio de atividades artísticas é possível o entrelaçamento do ensino, de atividades artesanais denominados fazeres especiais e da cultura.

Palavras-chave: Arte-Educação; Fazeres especiais; Resgate cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Exemplos de uso de fios e de tramas.....	16
Figura 02 -Obra Marcel Duchamp (1942).....	26
Figura 03 -Obra Edith Derdyk (1998).....	26
Figura 04 - Renda de Bilro.....	27
Figura 05 - Crochê.....	27
Figura 06 - Crochê.....	27
Figura 07 - Tricô.....	28
Figura 08 - Macramê.....	28
Figura 09 - Rede de Pesca.....	29
Figura 10 -redes de dormir (tear).....	30
Figura 11 -redes de dormir (tear).....	30
Figura 12 -Passarinho eu sei de cor.....	31
Figura 13 -Passarinho eu sei de cor.....	31
Figura 14 -Passarinho eu sei de cor.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OS FAZERES ESPECIAIS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS	11
2.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO ARTESANATO OU FAZERES ESPECIAIS	12
3 ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR	18
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ARTE EDUCAÇÃO	18
3.2 ARTE-EDUCAÇÃO E A PROPOSTA TRIANGULAR	20
3.3 MULTICULTURALISMO E AS AULAS DE ARTE	25
4 FAZERES ESPECIAIS TRANSFORMADOS EM PROPOSTAS DE ARTE- EDUCAÇÃO.....	31
4.1 VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS DA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5.1 TECENDO E ARREMATANDO CONCLUSÕES	36
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa voltada para a área humana, cujo objetivo centra-se na ação de pensar o ensino da arte na contemporaneidade, uma ação educativa que exige entender o meio sociocultural dos indivíduos envolvidos. Por meio desta pesquisa busca-se levantar dados acerca de práticas ou propostas na Arte-Educação, as quais possam resultar na valorização da cultura do Extremo Oeste Catarinense, para tanto, elencou-se o tema: “Fazeres Especiais: caminhos e tramas que se entrelaçam formando propostas de trabalho na Arte-Educação”. Elegeu-se a seguinte problemática: “Quais os meios para pensar e buscar propostas na Arte-Educação que contribuam para a valorização das raízes culturais na Região Oeste Catarinense, que tenham como elementos propositores os FEs?”

Nesta perspectiva, o foco principal e objeto de estudo centra-se na busca de estratégias viáveis para que ocorra um resgate cultural por meio dos FEs, assim, formulou-se como objetivo geral da pesquisa: “Propor atividades em Arte-Educação que contribuam para a valorização das raízes culturais na região e tenham como elementos propositores os FEs”. Como objetivos específicos: (a) Explicitar os conceitos que situam os FEs na especificidade da Arte; (b) Investigar as possibilidades de conhecer e desenvolver atividades na Arte-Educação que possam ser unidas e desenvolvidas por meio dos FEs; (c) Desenvolver a prática pedagógica de forma inovadora, ainda que esteja planejada a partir de antigos fazeres artesanais.

Ressalta-se ainda, as seguintes questões de pesquisa, que auxiliaram na busca de respostas possíveis sobre a temática em questão: (a) De que modo pode-se propor atividades na Arte-Educação, as quais sejam desenvolvidas tendo como ferramentas os FEs? (b) Quais elementos teóricos versam sobre a cultura e os FEs? (c) Como investigar as possibilidades de conhecer e desenvolver atividades na Arte-Educação que possam dar início a um resgate cultural, unidas e desenvolvidas por meio dos FEs? (d) É possível encontrar meios para desenvolver a prática pedagógica de forma inovadora, porém somada a antigos fazeres artesanais?

A presente pesquisapretende despertar um olhar diferenciado acerca dos FEs como ferramenta pedagógica, propondo desta forma o desenvolvimento de atividades na Arte-Educação, as quais possam agregar um sentido diferente às

práticas educativas já desenvolvidas, focando os FEs confeccionados com fios e linhas, as chamadas tramas, rendas, bordados, enfim, trabalhos manuais desenvolvidos com agulhas, mais especificamente o crochê e suas múltiplas possibilidades. Propondo desta forma um resgate cultural que una falas, memórias, gestos e movimentos à cultura dos sujeitos envolvidos. A escolha deste tema justifica-se a princípio pelo desejo de trazer os FEs para os processos educativos formais (sala de aula) sem que seja necessário desenvolverem suas técnicas, mas sobretudo, que os FEs caracterizem-se como meio ou possibilidade do encontro com a riqueza das manifestações culturais.

Em uma sociedade envolvida e movida pela novidade, pela inovação e diante de uma geração sedenta por conhecimento, buscar estratégias diferenciadas para mediar tais conhecimentos torna-se um desafio diário. Por meio do uso dos FEs, como prática pedagógica em Artes, relacionado ao uso de elementos pertinentes ao repertório cultural cotidiano de cada sujeito envolvido, é possível também desenvolver atividades capazes de despertar reações reveladoras de sentimentos, memórias, imagens, cores, sensações, texturas, sensibilidades e emoções que estão presentes na atividade manual que tece os múltiplos caminhos dos FEs.

A presente proposta está voltada a busca de um ensino de qualidade, sustentável e dinâmico, que traga em si a possibilidade de enredar professores, alunos, pais, enfim, toda a comunidade escolar. Para tanto, foram desenvolvidas leituras e pesquisas, as quais resultaram num questionário. Como campo de aplicação deste instrumento, elencou-se a comunidade escolar do município de São Miguel do Oeste. Foram distribuídos vinte (20) questionários para Arte-Educadores da rede pública municipal e estadual do município, durante o mês de junho e julho do ano de 2012. Estes instrumentos foram posteriormente recolhidos, sendo que dez (10) retornaram respondidos, os quais compõe a base de análise.

Este trabalho está fundamentado em importantes referenciais bibliográficos, os quais constituem sua base teórica, entre estes, os Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte, para melhor compreensão do processo da Arte-Educação. A partir de suas premissas, pode-se compreender que a Arte, enquanto disciplina, tem seu lugar assegurado dentro do ambiente escolar, bem como tem direito a ter sua parcela de participação no desenvolvimento cognitivo, físico e social dos alunos. Neste sentido, apresenta-se uma breve síntese acerca da Arte-Educação no Brasil, suas conquistas e avanços, mas também suas dificuldades e limitações no

ambiente escolar, através de autores como Capra (2006); Dagna (2007); Derdyk (1994); Funari (2006); Martins (1998), Ostrower (1999); Ribeiro (2007), Veiga (2005), entres outros.

Outra questão norteadora está centrada nos conceitos sobre o que são FEs, suas relações com a cultura, vislumbrando essa referência como proposição para atividades em Arte-Educação e o resgate de referências culturais dos alunos envolvidos.

2 OS FAZERES ESPECIAIS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

A humanidade vem se desenvolvendo e evoluindo há alguns milhões de anos. Isto é fato. Porém, atrelado a isso, desenvolvem-se também, múltiplas possibilidades sociais, políticas e culturais, as quais se entrelaçam, formando uma teia de acontecimentos que impulsionam a constante evolução humana.

No centro destes acontecimentos, situa-se como protagonista: o ser humano, um ser que busca realizar-se muitas vezes visualizando-se em suas produções. Esta pode ser uma ideia contemporânea, porém acompanha o ser humano desde o início dos tempos, pois, desde a pré-história o homem produz objetos, pode-se dizer que em grande parte por meio do artesanato, na construção de artefatos utilitários, destinados a rituais ou simplesmente decorativos. O artesanato tem seu lugar assegurado junto às manifestações culturais e neste trabalho optou-se por tratar do assunto pela designação Fazeres Especiais - FEs.

Entre os muitos tipos de fazeres, um que é de origem milenar e que acompanha o ser humano em muitas culturas é a tecelagem. Seja pela necessidade de se agasalhar, se proteger ou de se expressar, os fios estão presentes no cotidiano de várias gerações humanas.

Sejam quais forem as fibras que formam os fios: algodão, lã ou linho, unidos vão ajudando a tecer a história da humanidade. Por meio dos atos de tecer e de tingir fios de fibras, a cultura vai se mantendo pelos séculos. No Brasil, a tecelagem chegou com os colonizadores e desenvolveu-se a partir da necessidade de produzir tecidos baratos, os quais eram utilizados na confecção de roupas para escravos e gente simples, garantindo o lucro dos colonizadores.

Houve tempo em que toda casa mineira tinha uma roda de fiar e um tear tosco de madeira. Fazia-se o fio e do tear saiam colchas e roupas para a família. Enquanto teciam, as mulheres iam nomeando suas tramas de acordo com o desenho: Daminha, Pilão, Escama, Dados, Sem Destino ou até mesmo com os nomes das artesãs que as criavam. [...] Minas Gerais foi a região brasileira que mais absorveu a arte de tecer manualmente e desenvolveu características próprias, porém conservou a tradição trazida pelos colonizadores portugueses. A atividade de tecer era inteiramente rudimentar, começando pelo plantio do algodão cru e ganga, que, depois de colhido, era descaroçado num descaroçador manual, cardado e fiado. O tingimento dos fios se dava pela utilização de cascas e raízes, dentre elas o Anil (azul), a Sandra d'água (vermelho) e a Caparosa com pau-brasil (preto), entre outras (RIBEIRO, 2007, p.01).

Passaram-se muitos séculos e, ao longo deste período, o artesanato esteve presente na vida cotidiana das pessoas, porém, em meados do século XVIII, com o advento da industrialização e do capitalismo, esta prática, outrora tão comum, foi relegada a segundopiano. O próprio trabalho manual ou produção de um artesão (de *artesanato* + *ato*) perdeu espaço drasticamente para a mecanização, fruto da industrialização em massa. O artesão, desde então, passa a ser identificado como aquele que produz objetos pertencentes à chamada ‘cultura popular’, e por um longo período sofre franca decadência. Antes, porém, de tratar do paradigma moderno e suas influências nas sociedades, realizou-se uma breve contextualização do tema proposto, a seguir.

2.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DO ARTESANATO OU FAZERES ESPECIAIS

Os FEs conservam algumas características básicas, como por exemplo, a manutenção das heranças culturais ou das tradições. Outra característica, é que sua produção baseia-se no uso de uma grande variedade de matérias-primas, desde fibras naturais, fios e lãs, sobras e resíduos do consumo industrial, entre outros. Esta prática visa produzir peças utilitárias, artísticas e recreativas, com ou sem fim comercial, pois conforme ressalta Dagna (2007, p. 01) “na concepção do escritor mexicano Otávio Paz, falar de artesanato é falar mais de pessoas do que de objetos, pois o produto resultante do trabalho artesanal é um produto ‘com alma’, onde estão presentes o saber, a arte, a criatividade e a habilidade”.

No ano de 2010 foi lançado o Decreto nº 7.212¹, de 15 de junho de 2010, no qual consta o Parecer Normativo - CST N ° 94/77, referente ao Imposto sobre Produto Industrializado - IPI. Neste contexto, o artesanato foi definido como:

Atividade caracterizada pela manufatura de objetos para as mais variadas finalidades e realizada segundo critérios artísticos ou estéticos. É um tipo de trabalho que dispensa máquinas e instrumentos complexos, dependendo apenas da destreza manual de um indivíduo ou grupo. Em alguns casos, admite-se chamar de artesanais certas obras, mesmo quando há intervenção parcial de alguma máquina. Por outro lado, mesmo quando repetido em numerosos exemplares dificilmente se obtém absoluta identidade entre cada produto artesanal. Há sempre uma diferença, às vezes minúscula, o que confere característica própria e inconfundível a esse tipo de produção (BRASIL, 2010, p.01).

¹Informação retirada do Portal Tributário/ Guia Trabalhista/ Portal de Contabilidade/Normas Legais. Disponível em http://www.normaslegais.com.br/legislacao/decreto7212_2010.htm.

Os FEs também podem ser chamados de Fazeres Artesanais – FA. São definidos como formas de manifestações desenvolvidas por meio de um modo de produção e reflexão, no qual a matéria prima é transformada pelo artesão por meio de suas mãos, com ou sem a ajuda de ferramentas (agulhas, teares, goivas, torno...). São técnicas de manufatura que trazem implícito um papel social que está intimamente ligado às questões de etnias, gênero e classe social, muitas vezes impulsionada pela tradição de um povo, que por meio de seus costumes e crenças que remontam tempos antigos, retomam práticas comuns aos antepassados e repete-as, transmitindo-as de geração em geração com o objetivo de preservar as tradições.

As tradições, este conjunto de costumes e crenças antigas, varia, dependendo da cultura de cada povo e região, Um fator muito importante para seu desenvolvimento, é o contexto histórico-temporal, no qual a tradição é aceita e praticada pela sociedade local, como forma de afirmação e dinamismo social. Cada membro, ao tencionar incluir-se neste meio, apropria-se das tradições, algumas vezes de forma oral outras de forma escrita. As manifestações culturais, ou tradições podem ser identificadas como lendas, mitos, práticas religiosas, danças, músicas, vestimentas, pratos típicos, brinquedos, jogos, decorações, histórias, valores, comportamentos e artesanatos.

Ao dar forma ou expressão artística a uma ideia, ao embelezar um objeto, ao reconhecer uma ideia ou objeto como artístico, confere-se ou reconhece-se uma “especificidade” que coloca o objeto ou a atitude em uma esfera diferente daquela dos objetos comuns (RICHTER, 2003, p. 22).

Por meio destas expressões ficam à mostra o repertório imaginário específico de cada comunidade, grupo ou movimento social, que podem ser desenvolvidos por meio de manifestações artísticas presentes em nosso cotidiano, a partir do imaginário social e do seu contexto histórico.

Nesta perspectiva, é possível perceber que os FEs são muitos, em suas múltiplas especialidades e cada qual a seu modo encanta. Alguns se valem do uso de argila, outros do uso de cipó, madeira, tecido, sisal, palha, papel, fio, linha, lã, enfim, uma grande gama de materiais. Laver (2005) pontua que a presença do uso de fios remonta de longa data e tem importância assegurada na história do homem e sua evolução.

[...] e houve então um dos maiores avanços tecnológicos da história do homem,

comparável em importância à invenção da roda e à descoberta do fogo: a invenção da agulha de mão. Grandes quantidades dessas agulhas, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho foram encontradas em cavernas paleolíticas, onde foram depositadas há 40 mil anos. Algumas são bem pequenas e primorosamente trabalhadas (LAVER, 2005, p.10).

Ao interpretarem-se tais palavras, pode-se dizer que mesmo que a palavra fio ou linha não tenha sido pronunciada, agulhas servem para cozer ou costurar, bordar, remendar, enfim se valem do uso de fio e linha. Tais indícios levam a crer que o homem pré-histórico além de confeccionar peças artesanais e utilitárias com pedra polida, pedra lascada, cerâmica, entre outros materiais, também utilizou agulhas e fios para cozer suas vestimentas, quiçá suas moradias. São muitas as formas de manufatura das quais o homem apropriou-se e desenvolveu-as. Talvez ao observar um ninho de passarinho ou vislumbrar uma teia de aranha ou ao observar qualquer outro tipo de trama se deparou com possibilidade de utilizar o fio.

Buscar o universo dos FEs, por meio das tramas feitas a partir de fios e linhas para promover um resgate cultural, acaba por tornar-se uma tarefa muito interessante, pois a linha está presente em tudo. Ela se estende e se entende, da linha do horizonte ao traço do caderno. A linha delimita espaço, sobe, desce, escreve, desenha e conversa. Segundo Derdyk (1994, p. 146), “[...] atribuímos à linha o papel de personagem que adora contar “estórias”. Sobretudo a linha é a origem essencial e a força matriz para que a linguagem gráfica aconteça, em qualquer tempo e qualquer história”.

Os fios e as fibras servem de matéria-prima para a confecção de peças de artesanato por meio de várias técnicas, tais como, o tricô, a tecelagem, o bordado, o hardanger², o crochê. Pode-se destacar o linho como uma fibra nobre, que possui uma cultura ligada a si, sua utilização foi do vestuário à medicina e culinária, interferindo diretamente na vida social e cultural de cada comunidade. Sua produção estava cercada de ritos, comemorações e lendas, que constituíam a memória coletiva dos povos que o produziam, representando desta forma um importante e valioso patrimônio cultural que cotidianamente disputa lugar com tecidos modernos, de confecções mais práticas e lucrativas.

Segundo site consultado “Estúdio Têxtil”, a indústria têxtil utiliza diferentes espécies de fibras (que são transformadas em fios e/ou filamentos) provenientes do

²Hardanger é uma técnica de bordado, a qual combina bordado branco trabalhado com fios contados e cortados, seguindo a trama do tecido formando desenhos **geométricos**. É um trabalho tradicional da Noruega, região da cidade de Hardanger, da qual empresta o nome.

reino animal, vegetal, mineral e, as que são quimicamente produzidas pelo homem. Desta forma, o quadro abaixo demonstra, de forma resumida, as classificações existentes.

Tabela 1 – Classificação das Fibras e Ligamentos Têxteis

Fibras Naturais	Animal	Seda, lã, Pelos (alpaca, vicunha, cabra...)
	Vegetal	Sementes (algodão, paina) Caule (linho, juta, cânhamo, rami) Folha (sisal)
	Mineral	Asbestos
Fibras Químicas	Artificiais	Regenerada: celulosas; Modificada: acetato
	Sintéticas	Poliéster, Poliamida, Poliuretano, Acrílico
	Não sintéticas	Fios metálicos, fibra de vidro

Fonte:www.vera.felippi.com

No Brasil, a cultura popular manifesta-se amplamente por meio de trabalhos têxteis. Do Oiapoque ao Chuí, as artes dos teares e dos bordados constituem um dos mais importantes elementos da identidade nacional. As famílias mais tradicionais cultivam o hábito de manusear fios e linhas em atividades de lazer ou de “ocupação das mãos”. Seja por puro passa tempo ou como forma de subsistência, muitas famílias mantêm a tradição de ensinar os FEs, passando de pai para filho conhecimentos acerca dos mesmos.

Na atualidade, a tecelagem enriquece a produção cultural do Brasil, desenvolvendo linguagem própria e atuando com grande expressividade; a tecelagem transcende a mera artesanato e se insere conceitualmente na manifestação da arte popular contemporânea. Ela ainda mantém seu caráter interativo com as linguagens artísticas, sem abandonar a rica relação entre o saber fazer e o saber pensar (RIBEIRO, 2007, p.01).

O fio está presente no dia a dia de todos: nas roupas, nos utensílios, móveis e decoração. O fio é um material que oferece inúmeras possibilidades de trabalho. Ele também se apresenta como possibilidade de desenho. Ao tecer algo você desenha, cria, agrega um pouco de si a sua obra. Conforme SENAC (2002, p. 23) “[...] no universo do artesanato, quem aprende uma técnica pode aplicar o seu princípio básico aos mais diferentes materiais [...] Fios e fibras são os materiais básicos para trançar, tecer, fazer renda, crochê e tricô”.

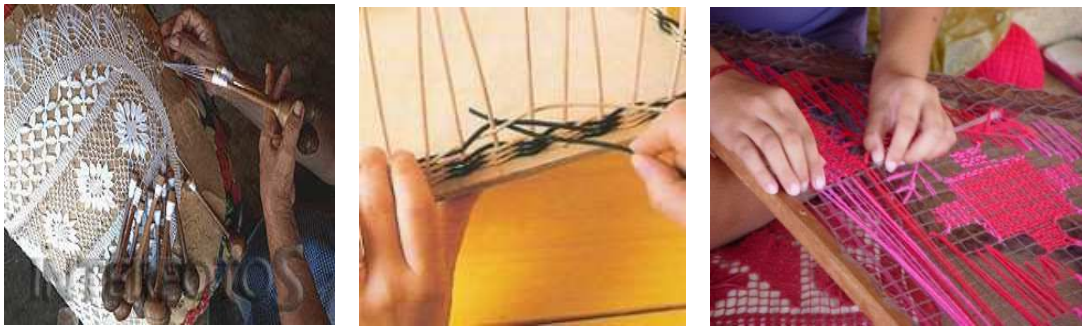


Figura 1 – Exemplos de uso de fios e de tramas
 Fonte: www.Google.com.br/imagens.

A importância de tecer está intimamente ligada às situações vivenciadas no dia a dia, pois a humanidade tecesua história, tramando caminhos, buscando e desenhando a vida. “Infinita é a capacidade do homem de perceber, sentir, pensar, imaginar, emocionar-se e construir significados diante das formas artísticas (MARTINS, 1998, p. 61).” Por meio das tramas, assim como por meio das escritas, falas, gestos, movimentos e olhares, pode-se desvendar a cartografia da cultura de um povo, pois estes são os recursos que os homens usam para contar suas histórias e deixar suas marcas no mundo.

Mesclar linhas e fios nas tramas dosFES é uma rica possibilidade de trabalho, pois quem nunca teceu algo concreto, vivenciou tramas. “Na natureza, não há “acima” ou “abaixo”, e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes (CAPRA, 2006, p. 45).” Os homens são parte de uma rede intimamente interligada, estão todos ligados, uns aos outros. Ninguém vive só, pois ninguém está só no mundo. Os seres humanos são muitos, porém únicos. O dia a dia de uma pessoaestá intimamente ligado ao dos outros por uma fina teia de acontecimentos, que muitas vezes surgem diante dos seres, intrigando-os.

Usar as tramas do crochê como ferramenta para encontrar o caminho da linha no universo, leve, solta, dançando e brincando, e associá-lo ao fio feito trama, preso firme e sério em seu intuito de tecer, é com certeza embrenhar-se num caminho de múltiplas possibilidades. Unir a linha do horizonte ao fio da trama é mais que conhecer elementos artísticos, buscar reviver e quiçá reconstruir as tramas de muitas culturas unidas numa só: a cultura visual.

O que falta a linha do horizonte, na questão do toque, do movimento, surge nos fios das tramas, em suas múltiplas texturas. O que falta aos fios das tramas, na questão de leveza, surge nas linhas do horizonte, com seus traços que sobem,

descem e dançam pelo espaço, muitas vezes indo parar nas folhas de papel.

3 ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR

O ensino de Arte é um campo que vem buscando reconhecimento. Em alguns momentos alcançando avanços, em outros retrocedendo, num emaranhado de acontecimentos. Para dispor-se a desenrolá-los, são fundamentais ações ágeis, precisas e dinâmicas, pois a disciplina de Artes alinhava-se por meio de múltiplas modalidades artísticas, sendo elas ligadas à imagens, sons, movimentos, teatro, caracterizando a cultura.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ARTE EDUCAÇÃO

A Arte está presente no Brasil, desde a pré-história, fato comum a muitas culturas. Porém, com o advento da vinda da família real para o Brasil, o ensino de artes passou a estar presente de forma palpável na sociedade brasileira. A família real estava se sujeitando a viver entre selvagens e dessa forma trouxe consigo “o mínimo de conforto e cultura”, como se em solo brasileiro os nativos não possuísem sua própria cultura, tecida com características próprias, agregando valores que se entrelaçavam aos costumes dos nativos, colonizadores e escravos, dado este que foi tratado como irrelevante, frente à força da cultura europeia.

Na relação Arte-Educação, os movimentos culturais assumiram um papel mais amplo desde o século XIX. Os eventos culturais e artísticos tornaram-se acontecimentos constantes na sociedade carioca sendo resultado da criação da Escola de Belas Artes, da presença da Missão Francesa e de artistas europeus de renome no Rio de Janeiro, o que propiciou a formação de profissionais da arte num nível institucional e formal.

A Arte passou ao longo dos tempos por muitas mudanças, alinhavadas por técnicas e práticas, costuradas por estudos e reflexões filosóficas, resultando em múltiplas tendências, as quais se revelam por meio de um tecido que é ao mesmo tempo resistente e delicado em suas tramas, colcha rica em idiossincrasias, formada por estilos e possibilidades. Das manifestações culturais populares, sejam os teares mineiros da época do Brasil colônia ou as associações de mulheres artesãs da Amazônia existentes atualmente, a semana de arte do início do século XX, as

universidades criadas nos anos 30, a proposta das Bienais de São Paulo a partir de 1951, os movimentos universitários ligados à cultura popular (anos 50/60), da contracultura (anos 70), a constituição da pós-graduação em ensino de Arte e a mobilização profissional (anos 80), entre outros, são pequenos gestos que habilidosamente entrelaçam pontos nesta trama que forma a história da Arte-Educação.

O ensino de Artes sofreu variações em seu formato ao longo dos séculos, seguindo as tendências vigentes, a princípio tradicionalistas, passando por um caráter escola novista, chegando a pedagogia tecnicista ao longo do século XX, assim como ocorreu com todas as áreas da educação.

A princípio, na primeira metade do século XX, a Arte era manifestada no ambiente escolar por meio de disciplinas de desenho, trabalhos manuais ou práticas do lar, práticas industriais, música e canto orfeônico, valorizando desta forma “os dons artísticos”, por meio da repetição e cópia de objetos, valorizando o domínio técnico, apresentando o professor como o detentor do saber. A Arte adquiria então um aspecto funcional, pondo de lado qualquer possibilidade de experiência criativa em Arte. O ensino ministrado desta forma visava à qualificação para o trabalho.

O que norteia estas mudanças nas formas de apresentar e ministrar as aulas são as tendências pedagógicas que originam-se das necessidades sociais, estando atreladas a um momento histórico-temporal, sendo que é a partir de múltiplas visões filosóficas que começam a delinear-se.

Sabe-se que cada tendência pedagógica, seja na Arte-Educação ou qualquer área da educação, propõe entre outras coisas: teorias, cabendo ao professor construir sua prática pedagógica, tendo essas teorias como embasamento. Lembrando sempre que não há receita pronta, é no ambiente escolar, que cotidianamente, constroem-se experiências significativas. Desta forma, por meio das práticas educativas podem-se encontrar respostas para as mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas, artísticas e estéticas. Sendo por meio destas ações educativas que se alcançam meios para compreender o processo educacional e sua importância para o desenvolvimento psíquico, social, cultural e físico dos envolvidos no processo.

Conforme Silva (2011, p. 2) “A nossa compreensão é a de que por trás de cada atividade dessas, existe, respectivamente, uma concepção de ensino de Arte, que teve sua origem ao longo da trajetória histórica da Arte/Educação no Brasil; pois,

essas são práticas que historicamente vêm se afirmando e se cristalizando na educação escolar”.

Ao longo da história, a educação passou por mudanças, sendo que nos últimos 50 anos, as Tendências Liberais ou escola novistas marcaram a educação, apresentando uma postura por meio da qual se mostrou ora conservadora, ora liberal, pregando a necessidade de adaptação do indivíduo ao meio, conforme a capacidade de cada um, sem levar em consideração as desigualdades sociais.

A tendência Progressista, por sua vez, prega a análise crítica da realidade social e política da educação. É um instrumento de luta dos professores unido a outras práticas sociais. Ao introduzir falas acerca destas tendências, há um intuito mais amplo que norteia reflexões e ações. Acredita-se que cada educador, ao longo de sua formação, teórica ou prática, adquire meios de propiciar mudanças da realidade histórica tanto de seus alunos quanto sua. A educação é campo fértil de ideias, as quais podem ser plantadas, colhidas, preparadas, fiadas e tecidas formando diferentes tecidos para diferentes finalidades. Conforme Derdyk (1994, p. 11), “[...] Os educadores são os porta vozes de uma visão de mundo, transmissores de comportamentos, interferindo direta e ativamente na construção de seres individuais e sociais”.

A Arte-Educação há muito busca firmar suas amarras junto à educação. No ano de 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ela é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina. Com isso ocorreu um avanço, pois, desta forma, estava sendo reconhecida como um elemento educacional importante na formação dos indivíduos. Somente com a Lei nº 9.394/96, a Arte passou a ser considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26 § 2º).

3.2 ARTE-EDUCAÇÃO E A PROPOSTA TRIANGULAR

Dentro de uma perspectiva de evolução do ensino da Arte, a “Proposta Triangular para o Ensino da Arte”, criada por Ana Mae Barbosa e difundida no país por meio de projetos. É um marco evolutivo extremamente importante, pois

conhecer, apreciando, contextualizando e interpretando uma obra e arte, é um modo efetivo de entender e vivenciar o real sentido da Arte.

A Proposta Triangular desperta um interesse direto nos componentes básicos do ensino-aprendizagem e este acontece por meio de três ações que são: a criação (que se materializa pelo fazer artístico); a leitura dos objetos artísticos; e a contextualização. Por meio desta proposta os sujeitos envolvidos na ação educativa, podem nitidamente vivenciar um processo de construção, através da interação com as múltiplas possibilidades que as culturas envolvidas lhe oferecem dentro e fora da sala de aula. A Proposta Triangular preocupa-se com o processo criativo, unindo as especificidades próprias a cada indivíduo ligadas ao seu referencial cultural, o aluno parte da interpretação do seu cotidiano, e chega ao entendimento do contexto no qual a obra de Arte esta inserida. Nota-se, a partir destes estudos, uma busca mais ampla e coesa pelo entendimento acerca do processo educacional, por meio do qual todos os envolvidos sejam respeitados, firmando desta forma as laçadas que tecem esta trama que forma a Arte-Educação como um todo, demonstrando seu caráter de elemento indispensável. A Arte é um elemento que parte de um ponto inicial e ao longo processo possibilita muitas condições de desenvolvimento.

O reconhecimento da Arte enquanto elemento indispensável no desenvolvimento humano, seja num caráter pessoal, grupal, psicológico, físico... passa por muitos momentos e vai sendo tecido por muitas mãos. No final da década de 70, no Brasil, a expressão “educação através da Arte”, criada por Herbert Read, é transformada em “Arte-Educação”. Esta expressão foi empregada após o surgimento da Lei 5692/71, que pretendia modernizar nossa estrutura educacional, fixando suas diretrizes e bases. Conforme Varela (1988, p.2 apud Ferraz 2010, p. 18) “[...] o espaço da Arte-Educação numa dimensão muito mais ampla, em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividade e conteúdo de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sentido profundo [...]”. Mais adiante, no final da década de 90, novas tendências curriculares em Arte reivindicam a identificação da área por Arte (não mais por Educação Artística) e sua inclusão na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade.

A Arte-Educação é um campo de estudos muito amplo. Seu papel no ambiente escolar merece muita reflexão e pesquisa, somente desta forma serão

amarrados os fios desta teia, que envolve a sociedade e coloca todos os participantes do processo educacional num patamar de artesões, aprendizes que tecem ponto a ponto esta rede de possibilidades, resultando numa formação sólida, alinhavada por leituras, amarrada por discussões sobre Artes, e arrematada com o desenvolvimento de atividades e vivências no cotidiano escolar.

A disciplina de Artes faz parte da grade curricular escolar e como tal apresenta especificidades próprias. Sendo assim, reconhecendo que a Arte é uma área do conhecimento, na qual associada as demais pode preparar os educandos, para a vida enquanto ser social, cultural, dotado de capacidades e sentimentos únicos.

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionadas aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal (BRASIL, 2001, p. 61).

Proporcionar momentos de aprendizagem, envolvimento e descoberta pessoal e grupal é uma forma muito rica de alcançar meios para buscar uma real e consciente integração relacionada às múltiplas formas de manifestações culturais. Esta é uma visão contemporânea do ensino da Arte, por meio da qual são elencadas estratégias para trabalhar o conteúdo com aulas diversificadas. Desta forma despertando o interesse do aluno em aprender e participar das aulas, pois, com estratégias criativas o aluno se sente valorizado e integrado no processo.

O envolvimento deve acontecer de forma natural para que o aluno sinta-se acolhido, por meio do reconhecimento de própria cultura o aluno ou aluna não só se envolve, mas também se faz sujeito de sua própria história, alinhavando influências resultantes de sua cultura ao seu próprio ato criativo. Pode-se dizer que, ao buscar a cultura nas práticas educacionais por meio da Arte, o professor media um processo maior. Ele busca entender e atender as manifestações culturais, traçando a cartografia da cultura dos alunos e alunas, valendo-se, para tanto, de suas próprias influências culturais.

Segundo Derdyk (1994, p. 13), “[...] A vivência prática propicia ao educador muitas perguntas, confrontos, espelhamentos, delineando possibilidades expressivas [...]”. Vivenciar momentos da disciplina de Artes na educação básica é uma forma importante de verificar reais possibilidades de desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Propondo aulas criativas neste processo, minimamente

propicia-se meios de alcançar um resultado mais amplo nesta prática, somando elementos indispensáveis para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, resultantes da criatividade ligada ao envolvimento pessoal, elementos estes que se acredita propiciam maior solidez ao processo educativo.

O ambiente escolar é formado e fundamentado na busca de saberes ou conhecimentos por parte tanto de professores como dos alunos e alunas. A partir de novos estudos e práticas é minimamente possível alcançar meios para entender o papel da Arte no ambiente escolar, observando que a alfabetização didática desenvolve-se condicionada às questões visuais, táteis, auditivas, entre outras. Pode-se notar uma interdependência entre as disciplinas, pois o ser humano só alcança uma real formação no conjunto. Da mesma forma no ambiente escolar um componente escolar é ligado ao outro e demonstra por meio desta ligação uma relação de interdependência.

Conforme Richter (2003, p. 28) “Os(as) educadores(as) devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus(suas) alunos(as) em diferentes códigos culturais (...)”. O papel do Arte-Educador deve ser consciente e comprometido, pois somente desta forma resulta minimamente em experiências significativas, transformando olhares, forjando opiniões resultando num processo real e palpável.

Diferente da forma com eram desenvolvidas as aulas tradicionais, nas quais cada sujeito tinha seu papel pré-definido e engessado, o professor com um status de detentor absoluto do saber, o aluno como um receptor, um recipiente vazio pronto para receber o conhecimento que vem do mestre. Neste formato de aula, o exercício do aprender e ensinar ignora ações que envolvam a interação do indivíduo, abomina questionamentos. O aluno não deve expressar livremente sua criatividade e sim seguir o modelo proposto. Esta prática comum à primeira metade do século passado, por vezes ainda é vista nas salas de aula atuais, rompendo e desvirtuando o real papel da educação, que é mediar o processo de ensino e aprendizagem.

É inegável o fato de que todo ser traz implícito em seu íntimo particularidades. Cada qual tem uma forma de se expressar, independente de sua formação. O que deve ser comum a todos é a ideia de um compromisso com o respeito à pluralidade cultural, suas múltiplas características. O educador precisa encontrar meios para mediar e trabalhar com diferentes necessidades e expectativas.

Dentro do campo da Arte-Educação, assim como em toda a educação, o professor precisar conhecer minimamente sua área de atuação, os sujeitos envolvidos e cotidianamente estar disposto a forjar novos saberes construindo desta forma uma colcha de retalhos, costurados um a um por meio de suas escolhas, suas ações e da interação com os educandos, de forma relevante e significativa, utilizando elementos como a cultura neste processo de buscas, escolhas e construção do saber.

As aulas criativas podem proporcionar este resultado de uma forma mais ampla, sendo que os educandos trazem em seu íntimo referências culturais. Estas, ao serem respeitadas e exploradas, podem resultar nesta trama de múltiplos fios que envolvem os processos de desenvolvimento humano, culminando na essência da Arte-Educação na contemporaneidade, a liberdade de criação, baseada nos conceitos adquiridos e reorganizados, sendo apresentados conceitos e técnicas, capazes de propiciar múltiplas escolhas e resultados, respeitando as especificidades e idiossincrasias, sem definição de certo ou errado constituindo um processo histórico, artístico e pessoal amplo e rico.

Numa visão atual do Arte-Educador, este deve buscar entender a Arte, permanentemente buscando evoluir com o meio, manter-se atualizados e seguro de seu papel de medidor do processo de ensino- aprendizagem, mesmo que por vezes um sentimento de solidão lhe assale, pois conforme Martins (1998, p. 20), “Conversar sobre arte, sobre a linguagem da arte, pode parecer um diálogo solitário. Mas não. É apenas silencioso.” Mas, tendo-se em mente que o silêncio é um bom conselheiro, a solidão nem sempre é ruim, permitindo pensar e refletir sem grandes interferências, envoltos na colcha de retalhos formada pela Arte-Educação e todos os elementos, características, particularidades e possibilidades que a costuram. Todo Arte-Educador pode e deve traçar metas em sua caminhada pedagógica, bem como escrever e descrever sua própria evolução, a qual resulta nas linhas e tramas do desenho da prática pedagógica cotidiana, pois todos os caminhos imagináveis são possíveis para o crescimento pessoal e profissional.

Deixe-se de lado tudo que prejudica os sentidos, desvencilhe-se das amarras, construa novas e próprias formas de interpretação e interação com o meio agreguem-se valores as coisas simples, busque-se valor no que tem valor de direito. Conhecer a cultura de um povo é somar elementos a cultura própria de cada um, proporcionando envolvimento e significado a prática pedagógica.

3.3 MULTICULTURALISMO E AS AULAS DE ARTE

Os FEs são artefatos que trazem uma cultura, que nada mais é do que uma peça tecida ponto a ponto, entrelaçando gestos, olhares e sentimentos. Toda esta trama surge e resulta numa mesma definição. Podem ser considerados, neste sentido, de uma mistura de Arte e de Ofício. Com o passar do tempo, os FEs assumiram diferentes graus de importância, dependendo da possibilidade do ser humano suprir suas necessidades, assumindo, com isso, diferentes status. Por meio das manifestações artísticas de uma região é possível desvendar e conhecer várias características próprias à cultura, por meio dos FEs, desvendando-se as possibilidades dos fios e linhas através das tramas.

Conhecer os traços de uma cultura, buscar características próprias por meio de seus desenhos nada mais é que se valer de mecanismos riquíssimos de reconhecimento e valorização cultural e é amplamente válida esta forma de resgate pelo resultado que surge desta prática. Os FEs são uma ferramenta riquíssima e de grande valia neste intuito.

Por meio de lendas e histórias que são contados há milênios, nota-se que os FEs, os fios e as linhas fazem parte da história do homem desde muito cedo. Os gregos, em especial, contavam histórias que trazem em si a importância do uso do fio no dia a dia das pessoas, bem como no destino dos heróis. “O fio de Ariadne” é uma delas.

O herói grego Teseu, por exemplo, conseguiu vencer o desafio do labirinto com um truque simples: ao entrar trazia um novelo de lã, que foi desenrolado a medida que andava. Para sair do labirinto bastou seguir os próprios passos, enrolando outra vez o novelo, que lhe fora dado pela deusa Ariadne (SENAC, 2002, p. 8).

Desde os trabalhos tradicionais a Arte Conceitual, é possível relacionar diferentes culturas convivendo em um mesmo território, e este valor cultural pode ser usado no contexto escolar. Vejamos alguns exemplos de obras de arte que utilizam o elemento fio ou linha.

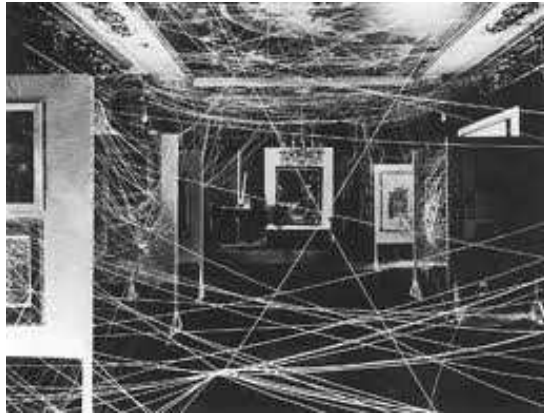


Fig.2 – Obra Marcel Duchamp (1942)



Fig.3 – Obra Edith Derdyk (1998)

Fonte:www.wikipédia.com.brFonte:www.wikipédia.com.br

Em 1942, o artista Marcel Duchamp (1882-1968) criou, para a exposição em que André Breton (1896-1966) organizou uma retrospectiva de arte surrealista em Nova York denominada *First Papers do Surrealismo*, uma gigantesca instalação como uma teia- chamada de *Mile de String* (fig. 1). Contemporaneamente pode-se apresentar a obra de Edith Derdyk (fig. 2) como exemplo da utilização de fios em obras plásticas através da obra *Rasuras III*, de 1998. A artista utilizou 60 mil metros de linha preta de algodão, 22 mil grampos e 13 dias de montagem. Neste sentido, as artes plásticas possuem características multiculturais que buscam referenciar e identificar artistas e contextos.

O multiculturalismo, ou pluralismo cultural é um conceito que define a diversidade cultural de uma mesma localidade ou contexto. Neste sentido, a arte ou artesanato brasileiro é riquíssimo. Uma breve pesquisa na internet, mostra peculiaridades do artesanato brasileiro, localizando-os em suas regiões.

Rendas de Bilro – De tradição açoriana, a renda de bilro é desenvolvida pelas populações litorâneas brasileiras desde o século XVII. Em Santa Catarina, as rendadeiras e suas rendas destacam-se também como ponto de atração turística. Há na Lagoa da Conceição a Rua das Rendadeiras e o Casarão das Rendadeiras, pontos de divulgação e de venda dos produtos.



Fig.4 – Renda de Bilro

Fonte: www.google.com.br/imagens.

Crochê – Não há um registro exato de sua origem, porém historiadores afirmam que os trabalhos de crochê tem origem na pré história. A teoria mais provável é a de que o crochê se originou na Arábia e chegou à Espanha pelas rotas comerciais do Mediterrâneo. No Brasil, chegou por meio dos colonizadores ítalo-germânicos. No Oeste Catarinense, há associações de artesões, que realizam mostras de artesanato em várias localidades e eventos, constituindo-se em alguns aspectos de fonte de renda.



Figs. 5 e 6 – Crochê

Fonte: www.google.com.br/imagens.

Tricô – O tricô é uma técnica para entrelaçar o fio de lã (ou outra fibra têxtil) de forma organizada, criando-se assim um pano ou malha de tricô. Pode ser produzido manualmente, com duas agulhas que, além de propiciar o entrelaçamento do fio (criando cada ponto), abrigam a malha de tricô já tecida ou de forma industrial, por meio de máquinas. Em Santa Catarina, a cidade de Blumenau, se destaca na produção industrial. Já no Oeste Catarinense, nota-se a presença da técnica artesanal nas famílias que são em grande parte de descendência ítalo-germânicas. Além disso, as Secretarias de Cultura oferecem cursos de tricô, incentivando também as associações de artesões, que desenvolvem entre outras técnicas, a do

tricô.



Fig.7 – Tricô
Fonte: www.google.com.br/imagens.

Macramê – é uma técnica de tecelagem que não utiliza nenhum tipo de maquinaria ou ferramenta. Trabalhando com os dedos, os fios vão se cruzando e ficam presos por um nó, formando cruzamentos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. É uma arte que se originou na pré-história, quando o homem aprendeu a amarrar fibras para se agasalhar e criar objetos. O Macramê se destacou na França medieval por ser feito em tecidos para fazer a franja com linhas mais finas e não apenas com cordões e barbantes grossos.

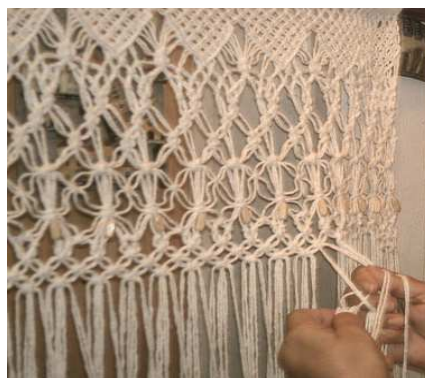


Fig.8 -Macramê

O Macramê chegou ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses, onde a técnica passou a ser chamada também de “bróia”, “brolha” ou “amarradinho”. As mulheres teciam seus enxovais de casamento. Era uma prática exclusiva das senhoras ricas. Foi difundida no mundo por marinheiros que utilizavam a técnica para criar objetos marítimos que trocavam nos locais onde desembarcavam.

Redes de pesca – são velhas conhecidas dos homens, pois os acompanham desde o período Paleolítico. Não se sabe ao certo como surgiram talvez inspiradas em teias de aranha, que envolvem e prendem suas presas, o certo é que as pessoas

tecem redes para capturar peixes, arrastando-as através da água. O material utilizado para tecer é o fio de nylon, agulha de pescador, além do malheiro que pode ser de madeira ou acrílico. Também podem ser usados outros tipos de fios ou corda dependendo do esforço ao qual a rede será submetida ou a espécie de peixe a ser capturada. Ao tecer uma rede o artesão vai enlaçando os fios formando uma sequência de nós. Surge então uma teia interligada, unida e enlaçada por nós direitos, nós de união 2, nós para destorcedor, laços 3...



Fig.9 – Rede de Pesca

Fonte: www.google.com.br/imgens.

Redes de dormir - São fabricadas de diversas formas e materiais, desde as mais tradicionais de fio, tecidas em "batelão" mecânico ou elétrico, até as feitas a partir de tecido ou de materiais sintéticos como o nylon. e outros materiais. Na região nordeste do Brasil a rede ainda é muito utilizada para dormir em substituição à cama, sendo também tradicionalmente utilizada para descanso em casas de praia, é um costume herdado dos indígenas brasileiros. São oficialmente fabricadas no Rio Grande do Norte.



Fig.10 e 11 – redes de dormir (tear)

Fonte: www.google.com.br/imgens.

A técnica de tecer a rede foi aperfeiçoada pelas mulheres portuguesas.

“Atualmente o estado do Mato Grosso produz redes de intenso colorido através da técnica de “lavrado”. O estado do Maranhão produz redes com finos acabamentos. Os estados do Pará e do Amazonas apresentam em sua produção, ricas redes de tucum, espécie de linho do vale³”. O artesanato brasileiro é sem sombra de dúvida um dos mais ricos do mundo. Isso acontece devido a multiplicidade cultural existente no país. Os FEs além de serem parte fundamental da cultura, revelam múltiplas possibilidades de uso e desenvolvimento, os quais são aliados aos costumes, tradições e características de cada região. Por vezes o artesanato transforma-se em ferramenta para o desenvolvimento de propostas artísticas, o que o torna ainda mais rico.



Fig.12,13 e 14 – Passarinho eu sei de cor
Fonte: www.paginacultural.com/artes

A exposição “*Passarinho eu sei de cor*”, nas figuras 12, 13 e 14, é um bom exemplo disso. Jacirema Cléa Ferreira e Olinda Evangelista desenvolvem trabalhos cujo objetivo é o de divulgar o bordado em sua expressão artística. Por meio do uso de tesouras, agulhas e linhas, desenhos e sentimentos são bordados em panos, inspiradas nas poesias de Manoel de Barros. Lendo o poema os passarinhos, a imaginação criou asas, e as imagens tomaram a forma de bordados, tudo no intuito de colorir esta poesia por meio de seus sentimentos, aliando cores e pensamentos.

³ Fragmento do texto “O artesanato brasileiro”, publicado no blog “Coisas nossas muito nossas”. Disponível em: <http://blogcoisasnossas.blogspot.com.br/2008/04/o-artesanato-brasileiro>.

4 FAZERES ESPECIAIS TRANSFORMADOS EM PROPOSTAS DE ARTE-EDUCAÇÃO

Esta é uma pesquisa dentro da Arte-Educação que propõe o uso dos FEs em sala de aula, enquanto ferramenta metodológica diferenciada e rica em possibilidades, bem como aborda a opinião de Arte-Educadores acerca da viabilidade desta proposta.

Desde o início deste percurso, o objetivo principal foi verificar reais possibilidades de propor atividades em Arte-Educação que contribuam para a valorização das raízes culturais na região e tenham como elementos propositores os Fazeres Especiais-FEs. Por meio de atividades artísticas pode-se perfeitamente entrelaçar ensino, FEs e a cultura.

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não-preconceituosa com a diversidade das culturas (IAVELBERG, 2007, p. 12).

É muito importante que o aluno participe do processo de criação de uma forma significativa, aprendendo, conhecendo e respeitando as temáticas regionais. Despertar um olhar diferenciado acerca dos FEs regionais faz com que os educandos possam sentir-se mais próximos de conteúdo proposto. Desta forma, passando a visualizar e entender a Arte-Educação e a cultura como elementos próprios do cotidiano, presente não somente nos museus e representados pela Arte popular de uma forma rica tanto quanto na Arte de elite.

Como seres sociais dotados de características próprias e múltiplas possibilidades, encontrar meios para reconhecer e valorizar as marcas culturais, os sentimentos regionais, enfim, as experiências e vivências, outrossim, abrindo-se e respeitando o novo ou velho, deste modo ampliando horizontes, apurando olhar, tecendo a própria história a partir de objetos extraídos do próprio chão, da própria terra e do coração do povo. Propor um resgate cultural é antes de tudo propor o respeito a uma cultura e suas manifestações. É buscar entender suas idiossincrasias. É querer conhecer sua razão de ser, para a partir deste olhar deixar-se apaixonar e envolver pelos fios que tecem esta história.

Parafraseando Iop⁴, o artesanato é o resgate da cultura de uma região, agregando conhecimento ao que a terra oferece. Fazer somente por fazer não caracteriza-se como resgate cultural, porém, no momento em que se denota sentido, essência e história ao que se produz, aí sim começa surgir o real sentido da cultura de um povo: disseminar vivências e querências através das gerações vindouras.

Ao ligar, ou unir um povo as suas manifestações culturais, ou apresentar as manifestações culturais de uma determinada região a um grupo de alunos por meio da Arte-Educação, pode-se desencadear uma troca de saberes, querereres e pensares. Esta é rica para ambos os lados, seja quem propõe esta prática ou quem aceita o desafio de trocar ideias, propondo buscas e tecendo caminhos para um resgate cultural amplo e significativo.

Identificar elementos teóricos que versem sobre uma Cultura em particular, não é tarefa de fácil desenvolvimento, especialmente em se tratando de uma região historicamente jovem e que vem dia após dia tecendo sua história e contextualizando sua cultura e manifestações culturais, como é o caso da região Oeste de Santa Catarina. Assim, enfrenta-se dois desafios principais ao alinhar-se propostas neste intuito. O primeiro é propor de forma coerente um resgate cultural que valorize as manifestações culturais e de contra partida amplie o leque de possibilidades dos indivíduos envolvidos. O segundo desafio é forjar uma base sólida o bastante, com amaras firmes, elencando os principais elementos que trazem implícitas as características principais da cultura Oeste Catarinense.

Como já referido neste trabalho, a coleta de dados dos dez (10) questionários devolvidos proporcionou análise da temática e imprimiu de forma efetiva, a preocupação dos professores com a questão da valorização cultural regional.

4.1 VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS DA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Quando perguntado as professoras se as mesmas desenvolvem algum tipo de fazer especial ou conhece alguém que desenvolva, principalmente a partir de fios e linhas, nove (09) delas responderam positivamente e apenas uma (1) não trabalha com o artesanato.

⁴ Temática levantada pela professora e artista plástica Elisa Iop, em aula referente ao Componente Curricular Extra do Curso de Artes Visuais da UNOESC, no dia 5 de maio de 2009.

A professora “A” acredita em uma proposta de trabalho que leve os FEs para a sala de aula, reiterando a necessidade da contextualização da temática, realizando não somente uma atividade prática criativa, mas um trabalho eminentemente reflexivo. Diz a Professora:

Em um primeiro momento devemos ter bem claro e saber repassar para nossos educando o que é raiz cultural, referindo-se a sua origem, a forma como a mesma foi construída a cultura dos povos suas manifestações, quando trabalho estas questões no ensino médio busco demonstrar a estes educandos que ao valorizar, resgatar e trabalhar com as culturas não devemos somente escavar o passado mas sim manter viva a história destes povos na construção da nossa cultura regional. (Professora A).

Na segunda pergunta dirigida às professoras, questionamos se os FEs estão presentes no seu dia-a-dia e de que forma; e ainda, qual a importância do artesanato em sua vida. Algumas professoras tratam do artesanato como lazer, terapia, ocupação para as horas vagas, renda e “ocupação da mente”. Nota-se isto por meio do depoimento da professora “E”: “Os fazeres especiais são importantes da forma que ao realizá-los podemos ocupar nossa mente de forma prazerosa no processo da realização até sua finalização”. Vale destacar a resposta da professora “A”:

Acredito que os fazeres especiais são sim de extrema importância, não devemos deixar algumas raízes se perder. O artesanato faz parte de nossa cultura, desta forma busco sempre que possível resgatar a história (teoria aliada a prática), instigando em um primeiro momento o que os educandos conhecem sobre o assunto, onde podemos encontrar estas manifestações. E em casa quem tem algo para nos apresentar, a alguém da família que trabalhe com isso como fonte de renda ou por gostar de fazer. O relato trazido pelos educandos geralmente é que suas avós gostam de produzir peças de artesanato para continuar viva a cultura, geralmente são tapetes de restos de pano, crochê, chapéu de palha (...) (Professora A).

A Arte-Educação é um campo muito amplo, desta forma nos possibilita experimentar, experienciar, tecer e amarar novas propostas, construindo uma nova metodologia, desenvolvendo novas práticas, por meio de velhos e ricos saberes.

Os FEs são manifestações puras de cultura. Revigoram-se ao passo que um pai ensina-os aos filhos, tecendo e tecendo. Mãos habilidosas sustentam famílias, tecendo e tecendo pontos firmes criam histórias, tecendo e tecendo matam o frio, a fome e a solidão ficam para trás. Tecendo as pessoas se veem envolvidas numa trama maior. Tecendo elas sentem-se parte de um grupo, uma sociedade, enfim uma cultura. Os FEs estão presentes no dia a dia das famílias. Trazem em si um valor próprio, uma importância ímpar, como refere a professora “C”:

Os FEs estão presentes em minha casa, em meu cotidiano, gosto de tecer e tricotar,

pois, o ato de tecer e tramar envolve a energia, as sensações de quem está fazendo. E, considero que a energia fica no trabalho e isso induz ao mesmo valor estético. Porém, esses atos, gestos estão se perdendo com a questão da industrialização e a arte ao ser abordada com os fazeres especiais pode ser um elemento capaz de materializar essas raízes culturais.

Na questão três, perguntamos se o professor utilizou ou utiliza os FEs como proposta de atividade com os alunos e nove (09) professores fazem referência a eles. As atividades citadas incluem: Professor “A”: “Geralmente confecciono com os alunos do 6º ano retratos com rolo de jornal, tic-tac de fuxico, o palhaço de fuxico”. Para o professor “C”: “Envolvendo em atividades da história da Arte conteúdos que abordam a questão da cultura de diferentes regiões. Também a questão da preservação e resgate da identidade cultural”. E professor “G”: “Contando histórias que envolviam os fazeres artesanais e num segundo momento desenvolvendo algumas técnicas como o crochê, tricô, tapeçaria, confecção de bonecas”.

Um professor, ao adentrar a sala de aula, precisa conhecer suas possibilidades, e ampliá-las, dependendo da necessidade de sua clientela. Um Arte-Educador precisa travestir-se de artista, pintar um horizonte de possibilidades, tecer múltiplas colchas de saberes, encontrar o encantamento que traduz cada possibilidade de conhecimento. Um Arte-Educador precisa ter guardado em seu íntimo o mistério e o desejo de criar possibilidades e despertar curiosidades.

Múltiplas são as possibilidades, amplos são os horizontes, mas os FEs são uma das mais interessantes opções de propostas na Arte-Educação. Ampliando ainda mais as possibilidades metodológicas desenvolvidas por meio dos FEs pode-se citar a fala da professora “B” que diz já ter usado os FEs em sala de aula para desenvolver propostas de trabalho na Arte-Educação especialmente quando em sua proposta ela busca aprimorar a coordenação motora fina dos educandos e também diz que já utilizou os FEs em propostas que envolvam história da Arte, a professora “C” relata também já ter utilizado os FEs ao propor estudos acerca de história da Arte.

A pergunta quatro (4) diz respeito à valorização das raízes culturais da região, por meio dos FEs. Perguntou-se aos professores se esse tipo de proposta didática é viável e neste ponto houve convergência de opiniões, vejamos algumas:

Em um primeiro momento devemos ter bem claro e saber repassar para nossos educandos o que é raízes culturais, referindo-se a sua origem, a forma como a mesma foi construída a cultura dos povos suas manifestações, quando trabalhar estas

questões no ensino médio busco demonstrar a estes educando que ao valorizar, resgatar e trabalhar com as culturas não devemos somente escavar o passado mas sim manter viva a história destes povos na construção da nossa cultura regional. (Professa A).

Para a professora “C”, “esses atos, gestos estão se perdendo com a questão da industrialização e a Arte ao ser abordada com os FEs pode ser um elemento capaz de materializar essas raízes culturais” e a professora “F”, diz que “deveria ser mais trabalhado, por perceber que a história está se perdendo nesta geração e que poderia ser uma fonte de renda e também despertando talentos em diversas áreas”.

Como podemos perceber, a pesquisa realizada trouxe elementos de compreensão e de valorização dos FEs em atividades de Arte-Educação, sobretudo nos modos de valorização e de reconhecimento da identidade cultural das populações do Oeste de Santa Catarina. A colonização desta região é marcada, principalmente, por descendentes de alemães e italianos que possuem em sua cultura fortes aspectos de organização e as atividades manuais sempre estiveram presente nestas famílias.

Muitos alunos ainda convivem com familiares que praticam os FEs e esta proximidade se torna um vínculo criativo e de reconhecimento de seu valor cultural. Cada cultura e suas manifestações trazem formas de desenvolvimento particulares, dependendo da região na qual são desenvolvidos os FEs, estes apresentam formas de produção diferenciadas entre si, assumindo características singulares, seja pela oferta de mão de obra, de matéria prima disponível ou então pela influência da cultura do contexto em que estão inseridos.

Na rotina de muitas famílias, em seu cotidiano, dentro e fora de muitas casas, em pequenos ateliês de fundo de quintal, quartinhos de cozer, em rodas de conversa de comadres e compadres, tramar, bolear, urdir, cozer, moldar, bordar e fazer renda: tornam-se formas de entrelaçar e enlear vidas, são tramas que vão surgindo, alinhavando histórias, unindo sentimentos, desenhando quereres, despertando pensares e disseminando saberes. Para desta forma, forjar e fortalecer a ferro e fogo, idiossincrasias culturais, artísticas e sociais, cozendo esta trama cultural chamada cultura brasileira. Sendo assim pode-se plenamente afirmar que no Oeste Catarinense esta é uma prática, que como em tantas outras partes do país se repete.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 TECENDO E ARREMATANDO CONCLUSÕES

Enquanto Arte-Educador, pesquisador, comprometido e ávido por experiências e mudanças, trazer para a prática pedagógica os FEs, resgatando desta forma, um pouco da cultura de um povo, resulta no grande desafio de tecer amarras firmes o bastante, para tramar falas, tecer memórias, criar gestos e movimentos capazes de revelar além do comprometimento com a prática docente, também a perspectiva de ampliar o repertório cultural dos alunos possibilitando assim um resgate da cultura da região.

A educação é uma trama entrelaçada por mil fios, capaz de envolver todos os que se mostram dispostos e abertos a participar do processo educativo e por meio deste propondo múltiplas possibilidades, apresentando assim alternativas de resgate cultural aliado ao desenvolvimento de atividades pedagógicas que visem também ampliar o repertório artístico e cultural dos sujeitos envolvidos.

Esta pesquisa destaca em sua fundamentação teórica, questões pertinentes aos FEs, seu conceito e suas perspectivas. Cosem-se textos e referências acerca da Arte no espaço escolar, urdindo, entrelaçando e unindo cultura, Arte e FEs, culminando num estudo que apresenta pontos e contrapontos, e que tecem um caminho para transformar os FEs em propostas de Arte-Educação e resgate cultural.

No decorrer dos estudos desenvolveram-se diálogos reflexivos sobre o caminho percorrido no desenvolvimento da proposta. Estes diálogos se baseiam em vários autores e ampliam seus horizontes entrelaçando-se as anotações desenvolvidas a partir das análises de questionários que foram aplicados a Arte-Educadores da rede pública municipal e estadual do município de São Miguel do Oeste - SC, os quais fortalecem a base de dados para análise, norteando estudos sobre as formas como uma proposta pautada nos FEs, pode ser introduzida no cotidiano do ambiente escolar.

Buscou-se, inicialmente, nesta pesquisa, entender como tecer e mediar o processo educativo em Arte entrelaçado a um resgate cultural tendo como proposta pedagógica o uso dos FEs, por meio dos quais, pode-se, plenamente, desenvolver

atividades capazes de despertar reações reveladoras de sentimentos, memórias, imagens, cores, sensações, texturas, sentimentos, sensibilidades e emoções que estão presentes na atividade manual que tece os múltiplos caminhos dos FEs.

Enquanto pesquisadores tem-se que assumir um espírito aberto ao novo, um olhar investigativo, e mais que isso, o desejo de conhecer e aceitar as possibilidades que possam, por ventura, surgir ao longo do percurso. Desta forma, os diálogos apresentados acerca das análises desenvolveram-se dentro do esperado, porém, mais que isso revelou-se um desejo íntimo de cada participante da pesquisa, o desejo de tecer. Tecer falas, tecer tramas, tecer ideias e ideais, sempre levando-se em consideração que a Arte-Educação é, fundamentalmente, um processo dinâmico e democrático, aberto à mudanças, à aceitação de novos viés que possam vir a enriquecer o processo.

Arrematando as conclusões, comparou-se os dados evidenciados por meio do referencial teórico e as situações, opiniões e sugestões apresentadas, nas respostas tecidas nas ferramentas de pesquisa. Acredita-se que os dados coletados, bem como a conclusão alcançada, possa plenamente servir de base de apoio para a prática docente, sendo que além do resgate cultural, esta pesquisa revelou possibilidades reais de utilizar os FEs no ambiente escolar em atividades de Arte-Educação, atrelado a isso a viabilidade de alcançar a valorização da cultura por meio dos FEs no Extremo Oeste Catarinense.

Espera-se que os pontos alinhavados por meio dessa pesquisa, venham a contribuir com o processo de ensino aprendizagem em Arte-Educação que estejam centrados na valorização de conhecimentos tradicionais que, inseridos no núcleo familiar, muitas vezes restrito à esses, são perdidos ou negligenciados pelo conhecimento científico ou escolar, e que estes possam, outro sim, adentrar o ambiente escolar unindo-se as práticas pedagógicas como uma renda de bilro, firme, forte e muito bem desenhada, que traz em suas tramas o poder de contar e fortalecer múltiplas histórias. Seja em maior ou menor grau, ambos os dados analisados revelar o profundo envolvimento dos Arte-Educadores com a prática pedagógica e com o processo de criação, sensibilização e experientiação, em grande parte por meio dos FEs, pois, estes apresentam saberes, queres e pensares acerca da cultura dos envolvidos. Enfim, podemos afirmar que por meio deste estudo nota-se que o termo “Fazeres Especiais” traz implícito múltiplas conotações técnicas, estéticas, culturais e sentimentais, que desperta possibilidades

entrelaçando de forma hábil e plena fazeres, queres e pensares de muitos sujeitos ligados por uma mesma raiz cultural.

REFERÊNCIAS

Atlas virtual da Pré-História, Homo Sapiens. Disponível em: <http://www.avph.com.br/homosapiens.htm>. Acesso em 28 de jul. de 2012.

BRASIL.**Decreto nº 7.212**, de 15 de junho de 2010,Parecer Normativo - CST N º 94/77, Imposto sobre Produto Industrializado - IPI. Disponível em: http://www.normaslegais.com.br/legislacao/decreto7212_2010.htm. Acesso em 01 de ago. de 2012.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: artes/** Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

DAGNA. **O que é artesanato?** Disponível em: <http://www.sonholilas.com.br/2007/02/07/o-que-e/>. Acesso em 01 de ago. de 2012.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho.**2ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte:** sala de aula e formação de professores.Porto Alegre: ARTMED Editora, 2007.

LAVER, James. **A roupa e a moda:** uma história concisa. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; GUERRA, M. Terezinha Telles; PICOSQUE, Gisa. **Didática do ensino da arte:** a linguagem do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

RIBEIRO, Renato. **História do Tear.** Disponível em: <http://tearnobrasil.blogspot.com.br>. Acesso em 5 de ago. de 2012.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** Campinas: Mercado de letras, 2003.

SENAC. DN. **Fios e fibras.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2002.

Fontes das imagens

www.google.com.br/imagens.

<http://paginacultural.com.br/artes/bordados-na-galeria-virtual/>